

# SUMÁRIO

*Prefácio* ▶ 15

*Introdução* ▶ 19

## **CAPÍTULO 1 – A ESCOLA: NOSSO LUGAR DE ORIGEM** ▶ 25

*Perfil geral dos alunos* ▶ 26

*O funcionamento da escola* ▶ 30

*Trabalhadores migrantes na escola* ▶ 32

*O letramento e a política* ▶ 39

*Trajetos da pesquisa* ▶ 46

## **CAPÍTULO 2 – VIAGEM AO SERTÃO** ▶ 59

*A acolhida ao visitante* ▶ 60

*Vida social e econômica das fazendas* ▶ 69

*O lugar social da escola* ▶ 77

*A tradição migratória* ▶ 83

*O desenraizamento sertanejo* ▶ 96

**CAPÍTULO 3 – MIGRAÇÃO DE RETORNO À ESCOLA ▶ 105**

*O urbanismo* ▶ 107

*Modos de pensamento e culturas brasileiras* ▶ 111

*Educação e enraizamento* ▶ 122

*Espaço informal* ▶ 130

*Identidades de fronteira* ▶ 134

**CAPÍTULO 4 – ATÉ QUANDO? ▶ 139**

*“Mudar de vida”* ▶ 139

*Olhares letrados sobre o sertão* ▶ 147

*Projetos de futuro* ▶ 152

*Referências bibliográficas* ▶ 157

## PREFÁCIO

Não conhecia Fernando quando fui convidada para participar da banca examinadora de seu trabalho de doutorado, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, o qual deu origem a este livro. Aceitei o convite sem vacilar, por conhecer e admirar sua orientadora, Ecléa Bosi, por me interessar especialmente pela temática da Educação de Jovens e Adultos e, ainda, por ter feito pesquisas na mesma escola em que Fernando desenvolveu a sua e ter grande respeito pelo trabalho realizado em tal instituição. Algo que poderia ter sido apenas o cumprimento de uma rotina acadêmica logo se revelou uma prazerosa oportunidade de troca intelectual, a princípio com o próprio texto e, depois, com Fernando, Ecléa e os demais membros da banca. O trabalho teve grande impacto sobre mim – intelectualmente, pela qualidade acadêmica; esteticamente, pela beleza do texto; emocionalmente,

pela delicadeza e sensibilidade com que são tratados os sujeitos da pesquisa e o drama humano que protagonizam. O fato de eu compartilhar com o autor a condição de pesquisadora de adultos pouco escolarizados e de ter sido, como ele, professora de cursos supletivos não desqualifica em absoluto esse impacto. Ao contrário, evidencia a potencialidade do trabalho para tocar até mesmo quem já refletiu profundamente sobre a temática em pauta. Por tudo isso, aceitei também, com grande satisfação, a tarefa de prefiar este livro.

O tema central do trabalho é a compreensão da experiência de escolarização de adultos migrantes na cidade de São Paulo, os quais vivenciam simultaneamente dois processos de cruzamento de fronteiras: da cultura rural para a cultura urbana e da condição de analfabeto ou pouco escolarizado para a de escolarizado. Partindo de temas da psicologia social, sua área de origem, o autor transita por conceitos de vários campos correlatos. Focalizando especialmente a questão do enraizamento e do desenraizamento dos sujeitos, explora o tópico da escolarização dos adultos, o contraponto entre práticas letradas e não letradas, a relação entre conhecimentos escolares e saberes cotidianos, o contraste entre as características da vida social e econômica da região rural de onde provêm originalmente os alunos e aquelas da grande metrópole.

Destaca-se no trabalho a construção de uma metodologia bastante original para o estudo da migração, do enraizamento e da identidade. O levantamento inicial de dados demográficos dos alunos do curso supletivo estudado evidenciou o fato de que muitos deles eram oriundos de uma região bem delimitada entre o norte de Minas Gerais e o sul da Bahia. Com base nessa informação, o autor escolheu para sujeitos de sua pesquisa aqueles procedentes dos três municípios que concentravam o maior número de alunos dessa região. Além de realizar entrevistas individuais e coletivas com os migrantes selecionados, o pesquisador organizou uma viagem aos seus municípios de origem, visitando

as áreas rurais em que eles nasceram e cresceram, conhecendo suas casas, suas famílias e as escolas onde haviam inicialmente estudado. Essa viagem permitiu que as posições de nativo e estrangeiro, tão fundamentais na relação do professor-pesquisador com seus alunos na escola em São Paulo, se invertessem. Os efeitos dessa inversão nos alunos e no próprio pesquisador foram explorados como fonte para refletir sobre o processo de migração e desenraizamento, objeto central do trabalho.

Talvez justamente a mais importante contribuição teórica aqui oferecida esteja na exploração das várias dimensões do dilema biográfico “ficar ou partir”, tão central para os migrantes. Ao mesmo tempo que, para eles, sua presença na metrópole é sempre considerada provisória, seu pertencimento ao local de origem foi quebrado pela migração. O modo como os sujeitos elaboram essa condição e o papel da escola nesse processo são focos centrais do livro. O autor afirma que ele próprio, durante todo o período de suas interações com esses migrantes, também habitou um lugar fronteiro de estranhamento, percebendo que, como seus alunos, vivenciou simultaneamente situações de pertencimento e não-pertencimento. E constatou que, apesar de sua proximidade intelectual e afetiva com os alunos e de seus esforços de comunicação e entendimento, muitas vezes não os compreendeu nem foi por eles compreendido. Partindo dessas constatações, Fernando faz uma afirmação pontual que considero ser a principal implicação de suas reflexões para a área da educação: a de que a disponibilidade para sofrer os enigmas e as perturbações gerados pela tensão cultural é uma importante competência para educar adultos. A questão de como construir essa competência, muito longe de ser um problema técnico, poderia ser postulada como essencial na discussão sobre formação de educadores de adultos. Creio que esse dilema pedagógico, embora agudamente percebido pelo autor, não precisou ser por ele enfrentado, já que evidentemente apresentou condições pessoais de mergulhar no processo de profunda compreensão de seus alunos.

Considero que a tese de Fernando, agora transformada neste belo livro, integra, de maneira plena, competência acadêmica, compromisso de educador, sensibilidade e envolvimento pessoal com os sujeitos da pesquisa, além de evidenciar sua capacidade de escrever de forma concisa e completa, densa, lírica e autoral, sintetizando fecundamente as diversas fontes a que recorreu.

*Marta Kohl de Oliveira*

Faculdade de Educação da  
Universidade de São Paulo

## INTRODUÇÃO

O cair da tarde que anuncia a hora do descanso para grande parte da população paulistana marca, para alguns trabalhadores, o início de uma nova jornada. São homens e mulheres que não irão tão cedo para casa, tampouco poderão repousar nos cômodos que lhes são destinados na residência dos patrões. Em vez disso, tomarão o caminho de uma escola onde, apenas agora, dia e vida já avançados, retomam uma formação precocemente interrompida.

Ao seu encontro vamos outros trabalhadores. Gente que, apesar da visão ofuscada pelo tráfego contrário, ousou assinalar, entre as opções disponíveis nesta vida, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) como projeto de participação política na sociedade brasileira.

O Colégio Santa Cruz, localizado na zona oeste da cidade de São Paulo, é um dos espaços do município em que educadores e alunos adultos reú-

nem-se ao anoitecer. Essa escola particular, que durante o dia atende crianças e adolescentes do curso regular, abre as portas para quatro a cinco centenas de jovens e adultos estudantes que frequentam seu curso supletivo<sup>1</sup>. Esse projeto educacional teve início em 1974 e, amplamente subsidiado pela escola, custa aos alunos uma simbólica taxa de matrícula. Durante quase uma década, dele participei como professor de Ciências Naturais<sup>2</sup>.

Embora haja uma significativa heterogeneidade entre os alunos do supletivo, como simplesmente chamaremos o curso em questão, sua fatia mais larga é composta por migrantes vindos de áreas rurais. Na cidade, eles ocupam postos de trabalho não-qualificados. Em sua biografia, experimentaram breves passagens pela escola regular até que, finalmente, encontrassem brechas no espírito e no cotidiano para retomar a condição de estudantes.

Apesar do crescente número de projetos públicos e privados brasileiros em EJA e do aquecimento da produção acadêmica a seu respeito, tem sido acanhada a contribuição da psicologia a esse campo que se amplia, sobretudo, pelas mãos de pedagogos, antropólogos e sociólogos.

O afastamento da psicologia tem um fundo histórico. As teorias sobre a aprendizagem do adulto há muito tempo têm sido preteridas pelos estudos sobre a criança e o adolescente. E, na escala da psicologia evolutiva, são recentes as correntes que deixaram de considerar o adulto como alguém que tivesse atingido um momento de estabilidade, isento de transformações (Oliveira, 2001; Palacios, 1995).

A psicologia social tem dedicado especial atenção às formas de existência das classes populares, aos mecanismos de opressão do trabalhador, às migrações e aos contextos interculturais. Apesar desse interesse por fenômenos relevantes à EJA, são escassas as conversas entre as duas áreas. Este livro pretende colaborar para mudar essa situação.

No mundo contemporâneo, vêm se ampliando as arestas de contato entre culturas materiais, idiomáticas e simbólicas de

formações sociais outrora distantes. Em meio a esse cenário, a proposta desta obra é habitar uma interface cultural bem determinada: os encontros de um professor, homem urbano, ora pesquisador, com alunos adultos oriundos de comunidades cuja vida se dá à margem da escrita.

Os códigos e as concepções do professor, bem como a linguagem e as perspectivas dos alunos, assentam sobre as formações sociais das quais vêm participando ao longo de sua trajetória biográfica. Desde então, práticas em EJA são capazes de promover, sobre educadores e estudantes, desequilíbrios gerados pelo contato com formas de conhecimento, modos de pensamento e recursos expressivos próprios a grupos sociais diversos daqueles aos quais pertencem.

De uma duradoura participação no supletivo, saí interpelado por aquelas que teriam sido as formas de vida dos estudantes nas áreas rurais onde um dia viveram, por sua carreira escolar toda irregular e pela migração para uma metrópole onde vieram retomar a escolarização. Assim, o contato do professor com seus alunos desdobrou-se em uma reflexão disciplinada sobre os diversos lugares ocupados pela escola ao longo das histórias de vida de um conjunto de migrantes.

Optei por focar minha atenção em uma área geográfica que compreende a divisa dos Estados de Minas Gerais e Bahia, de onde, historicamente, muitos filhos têm ingressado no supletivo. Primeiro, realizei entrevistas coletivas, denominadas *grupos de conversa*, com alunos matriculados em 2007 que tivessem vivido em determinados municípios dessa região: São João do Paraíso (MG), Tremedal (BA) ou Belo Campo (BA) (ver mapa na página 47). Essas reuniões solicitaram discussões entre conterrâneos sobre temas relacionados com a escolarização e a migração. Em seguida, alguns dos participantes desses grupos foram convidados para entrevistas individuais, nas quais algumas de suas impressões e opiniões puderam ser mais profundamente discutidas. Finalmente, em julho de 2007, viajei para as áreas rurais de ori-

gem desses estudantes. Essa imersão nos quadros sociais onde eles receberam suas primeiras formações permitiu compreender melhor as razões e os sentidos de seu afastamento da escola e da afirmação de uma tradição migratória na região.

O texto que virá está organizado da seguinte maneira:

- O Capítulo I apresenta um perfil socioeconômico dos alunos adultos do programa de EJA em questão, discorre sobre o funcionamento da escola, tece uma psicologia do estudante trabalhador, sugere traços característicos de seu relacionamento com o educador e esclarece a trajetória da pesquisa em busca de respostas aos interesses surgidos nesse contexto.
- O Capítulo II aborda a viagem feita ao sertão, entremeando a experiência vivida com discussões sobre as formações socioeconômicas da região, suas recentes mudanças, a inserção da escola naquelas áreas rurais e as raízes da migração para São Paulo.
- O Capítulo III trata do regresso à escola paulistana de onde partimos. Contrasta as formas de conhecimento da natureza próprias do sertanejo com as do homem urbano, trata dos conflitos entre suas perspectivas em uma sala de aula, discute o valor do embate cultural para uma pedagogia do adulto e seus efeitos potenciais sobre a identidade dos estudantes e do educador.
- O derradeiro Capítulo IV examina os projetos de futuro dos migrantes tremedalenses, belo-campenses e paraisenses de quem a pesquisa aproximou-se, sobretudo as repercussões da experiência escolar sobre suas perspectivas de permanência na metrópole ou de retorno para seus lugares de origem.

As teses alcançadas a respeito desses temas não foram produzidas a partir de um lugar de exterioridade do pesquisador. Elas resultaram do relacionamento entre o professor e seus alunos em uma escola urbana e nas áreas rurais onde viveram.

Almejo que essa experiência de idas e vindas no interior de um território de fronteiras culturais colabore para alguma compreensão da identidade do aluno adulto e para a reflexão sobre as ações do educador. Que meu cruzamento para o outro lado, anterior à viagem e radicalizado por ela, contribua para melhor conhecer quem temos sido deste lado. Que permita, enfim, melhor conhecer quem somos.

## NOTAS

- 1 O ensino supletivo foi regulamentado no Brasil em 1971, assumindo a função de repor a escolaridade que não pôde cumprir-se na infância e na adolescência. Esse paradigma compensatório transportava referências curriculares e metodológicas da escola regular para o ensino de jovens e adultos, ignorando especificidades tais como os conhecimentos adquiridos em experiências de convivência e trabalho. Trata-se de uma ideia superada. Primeiro, por pesquisas em psicologia do desenvolvimento que tornaram insustentável a existência de uma idade apropriada para aprender; segundo, porque as relações entre a formação escolar na infância e na juventude e as modalidades de participação social já não subsistem diante das mudanças técnico-científicas e suas repercussões sobre o mundo do trabalho. Em contraponto à ênfase na falta de saberes escolares, o ensino de jovens e adultos do Colégio Santa Cruz está alinhado a um paradigma da educação continuada. Ele considera as carências deixadas pela vida pregressa, mas valoriza a aprendizagem ao longo da vida como mote para o desenvolvimento pessoal, como direito à cidadania e como participação dos indivíduos na sociedade e na cultura (Di Pierro, 2005). O uso do termo “supletivo”, para designar esse projeto educacional vem de sua fundação e assume, nos dias de hoje, feições puramente afetivas.
- 2 Para um relato sobre a fundação desse programa educacional e uma discussão sobre as concepções de educação popular que a embasaram, ver Haddad (1982).



### A ESCOLA: NOSSO LUGAR DE ORIGEM

Diariamente, uma transformação da paisagem humana do Colégio Santa Cruz acompanha a mudança de luz do entardecer. Esse é o momento em que os alunos do período vespertino deixam a escola, dando lugar aos jovens e adultos que frequentam o curso supletivo. Alguns funcionários da própria escola penduram os uniformes para usufruir, na condição de estudantes, do espaço que há pouco se oferecia como chão a ser varrido ou portaria vigiada. Para outros alunos que chegam ao cair da tarde, esse instante reitera as horas inéditas em que podem tomar para si um espaço frequentado pelos filhos do patrão. Motoristas particulares e babás, que instantes atrás aguardavam a saída das crianças para levá-las para casa, retornam com cadernos na mão. E chegam ainda muitos outros estudantes adultos que não têm vínculos com o colégio senão o de lá estudar<sup>1</sup>.

## PERFIL GERAL DOS ALUNOS

Uma pesquisa realizada com os alunos do supletivo conferiu nítidos contornos ao perfil de seu público<sup>2</sup>. Na ocasião desse levantamento, os estudantes concentravam-se na faixa etária compreendida entre os 20 e os 30 anos. Havia um equilíbrio entre os que se declaravam brancos ou afrodescendentes e, como tradicionalmente ocorre em programas de EJA latino-americanos, predominavam as mulheres (64%).

Os sotaques e léxicos entoados pelos alunos e a pele grossa de suas mãos por si sós permitiam uma aferição sensível de sua origem rural. Os números endossaram essa prevalência de migrantes. No semestre que serviu de base para o retrato dos estudantes, 90% eram deslocados de seu lugar de origem: 68% eram nordestinos, sendo 45% baianos; pouco mais de 10% eram mineiros e os outros 12% de migrantes eram oriundos das regiões Sul, Norte e Centro-Oeste do país, e também do interior paulista e fluminense. Esses dados espelham o fato de que, apesar da crescente migração de retorno ao Nordeste brasileiro, São Paulo ainda representa o principal destino de migrantes nordestinos com baixa escolaridade. Minas Gerais já não exporta gente como o fez outrora, mas continua sendo ponto de partida de muitos dos que aportam na capital paulista, frequentemente sem escolarização completa (Brito, 1999; Rigotti, 2006).

A origem da ampla maioria dos alunos do supletivo é o campo. São pessoas que viveram na roça uma parte da vida e cuja formação se deu mediante instituições essencialmente rurais. A história escolar desses jovens e adultos, que em São Paulo reassumiram a condição de estudantes, só pode ser conhecida à luz do contexto campesino em que viveram.

Os pais da maioria dos alunos nasceram nas décadas de 1930 e 1940. São trabalhadores rurais não-qualificados e não-alfabetizados, muitas vezes sem qualquer passagem pela escola. Seus filhos tiveram, quando crianças, mais experiências escolares